

CIRCO É: tudo que é monstro à mostra.

MONSTRO É: tudo que eu não consigo
sequer imaginar.

Três olhos

Em Vilaboinha, lá para as bandas do norte, quase não tem cão nenhum fora o da vó Penha. Não é proibido, mas o Tonho não gosta do barulho deles todos latindo quando alguém vem chegando. O Tonho não gosta dos latidos, diacho, ninguém tem que saber que ele vem chegando, por isso ele mata tudo que é cão na paulada.

Ele assobia, o Tonho. Chama o cão assim bem perto. O cão vacila, abaixa o rabo. O cão vacila, acaba que vai. Quer saber por que chamam. Ele acerta nas costas do bicho e fica ganindo baixinho. O cão, não o Tonho. O cão devagarzinho se vai morrendo. O Tonho não, ele gosta é de ouvir o latido esparramado do cão no chão com tripa sangue osso suspiro. Não do cão, do Tonho. Se bem que um pouco assim bem antes do cão ter morrido, um bem pouco antes, não dá nem pra dizer quem é cão e quem é Antônio.

Fátima tem certeza:

— É o cão.

Não é à toa que em Vilaboinha só a Penha tem cachorro. Ele late quieto, levanta com a terra, só uiva dentro do vento. Penha sabe do que Vilaboinha é capaz, por isso ensinou também as netas a levarem a vida quietinhas quietinhas, dentro do silêncio, escondidas. Disfarça, Maria de Fátima, baixa esses olhos, menina. Não inventa, ou vai acabar espantando a vida. Por isso ensinou as netas. Elas não têm que passar pelo que passou por ela.

Penha sabe do que Vilaboinha é capaz, vive na cidade tem tanto tempo, meu Deus, tem tempo demais. Penha sabe, por isso não dá mole, não, o cão tem que aprender a dar seu jeito, a Penha não dá mole, não, as netas têm que aprender. Não é à toa que chamam a Penha louca, não é à toa. Tanto tempo em Vilaboinha, desde o começo, tempo demais vendo a cidade, essa cachorra, comer os filhotes que não servem. Tempo demais, meu Deus. Tempo demais.

- O que sucedeu, Fátima? Veio só?
- O Tonho já vem chegando, voinha.
- Você vai desse jeito pro retrato? Sem sapatos?
- No dia do batismo eu peguei emprestado.
- Seu cabelo estava assim, essa nozeira lascada?
- A senhora mandou fazer trança, não lembra?
- Bagunce assim um pouco, anda. Estava uma ventania só.
- Que cisma mais jumenta, voinha, ter tudo como em outro dia.
- O que tem hoje para lembrar, Fátima? A cachorra sumida?
- Não sei, voinha, mas o batizado já foi, não tem fotografia que volte.
- Fique quieta, lazarenta. E não se meta com minha lembrança.

Em Vilaboinha não tinha cão nenhum fora o da vó Penha, não enquanto a Fátima ainda vivia por lá. Vinte anos não é tanto tempo assim, se você for pensar, mas cão é planta que dá em qualquer terra. O da vó rondava tudo em volta, era fêmea, tão magra meu Deus tão magra, roía os próprios ossos das patas e se enterrava toda para o vento não levar. Só ficava junto da dona quando a outra neta da Penha, a menina nem tem nome coitada, sossegava a terra com os pés, lá fora, e não deixava ninguém cavar.

Com a barriga escorada na pia da cozinha, a vó Penha vivia arrastando colher no fundo do caneco pra não restar nem dúvida nem grão de açúcar. O cão, enrolado em seus próprios sonhos, lamentava o ganido do ferro. Invejava. Penha olhava a menina sua neta mais nova, lá fora, arrumando a terra no chão. O cão gemia baixinho baixinho, sonhando ossos terríveis, o rabo insone. A neta da Penha olhava o desenho no chão arrastado, olhava o vento, olhava o vento, e, santo Deus, a menina via muito mais que o vento.

Dona Penha larga o caneco, o barulho acorda o cão levanta o cão deita, agora com a cabeça entre as patas, os olhos desenterrados. A menina sua neta, mania estranha, olha a terra o horizonte a poeira pra ver uma gente que nem lá está. Diacho de mania, vê se pelo menos disfarça. Já pensou o retratista chega mais cedo e vê a menina nessa desgraça? Desde miúda ela apontava longe e seu olhar cheio de gente, sem tamanho, via leva, caravana, rebanho, o dedo farejando o que não tinha, guarda esse dedo, anda, menina. Desde miúda... o que ela não para de olhar?

Dona Penha chuta o caneco, o barulho acorda o cão ele não está mais lá, diacho, onde foi parar? Penha toma o caneco do chão, sacudindo a cabeça para os pensamentos desgrudarem do fundo. Os grãos de açúcar, tinhosos, aí é que resolvem cair.

- Falou pro Tonho vir direito?
- Deixei pra ele a roupa do batizado.
- Contou pra ele que é um retrato de família?
- Disse que a gente tudo ia fazer como a senhora queria.
- Se sua irmã me ouvisse, veja, parece uma lombriga.
- Pare de mexer esse tanto, menina, anda, ou não vai caber na fotografia.
- Olha o retratista, lazarenta. Não me faz passar vergonha.
- Ela fica assim sempre que some a cachorra.
- Diacho, já não falei que a cachorra dá seu jeito e volta?
- Eu sei, voinha, essa menina não aprende.
- Logo o Tonho vem, e se ela não aprendeu a ficar pronta?

Quando a neta mais nova da louca era recente, toda Vilaboinha dizia com certeza: é cega. É cega, veja, tem olho esvaziado, não vê? Parece que não foi chocado, ficou ovo, coitado, com outro ovo do lado. Mas um médico a cavalo deixou Vilaboinha de olhos arregalados: a menina vê bem até demais, repetia, e a louca da Penha finge que não vê, porque no fundo ela e tudo a gente sabe, a neta vê tudo, tudinho. Até o que não deve.

Toda vez que encontra a menina sua neta olhando longe, Penha perde a paciência, já não mandou não dar na vista? A neta mais nova faz de besta, a diaba, já está crescida e ainda esse problema nas tripas. Já não falou pelo menos disfarça? Dona Penha estrala os olhos tenta enxergar o que a neta vê, fica tonta, diacho, a menina é tudo que ela encontra. Não pode isso ver mais que a gente, adivinhar outro mundo, não pode isso estar grávida dos próprios olhos, isso não.

Penha se esforça, deixa os olhos estralados, não adianta, neles morre tudo. Ela se estica, as ancas na pia, os pés espreguiçados, mas a única gente esquecida que

ela vê voltar na terra levantada é sua neta mais velha, a Fátima, trazendo nos braços francos a cria. A pequena veste a roupa do batismo, está pronta para a fotografia. Ela cabe no braço, na dobra do peito, nasce toda de novo quando se estica. Penha gosta tanto do nome de Fátima, de Maria de Fátima, que se pudesse tomava da neta e dava pra bisnetinha.